

## **RESENHA**

## A ESCRITA INFANTIL

RIZZO, Joselma de S. Mendes  
[jsmrprofessora@yahoo.com.br](mailto:jsmrprofessora@yahoo.com.br)  
Prefeitura Municipal de Vitória  
GODINHO, Regina de A.  
[rgodinho6@gmail.com](mailto:rgodinho6@gmail.com)

Prefeitura Municipal de Vitória/ Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo

O livro *A Escrita Infantil*, publicado pela Editora Cortez em 2008, de autoria de Cláudia Maria Mendes Gontijo, é resultado de pesquisa feita pela autora sobre o desenvolvimento da linguagem escrita na criança na qual toma como pressupostos teórico-metodológicos a perspectiva histórico-cultural, principalmente as ideias de Vigotsky e os estudos de Luria sobre o desenvolvimento da escrita nas crianças. O objetivo principal foi o de “*investigar os processos de apropriação da linguagem escrita*” (GONTIJO, 2008, p. 11).

A autora é doutora em educação pela Universidade Estadual de Campinas e Pós-Doutora pela *University of California*, (EUA). É professora do Centro de Educação na Universidade Federal do Espírito Santo e integrante da linha de pesquisa Educação e Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Educação, UFES, desenvolvendo estudos sobre a história da alfabetização no Espírito Santo e as práticas de alfabetização em escolas públicas. É também autora das obras *O processo de alfabetização: novas contribuições* e *Alfabetização*.

No capítulo 1, Questões sobre a alfabetização e o letramento, a autora discute, de maneira crítica, os conceitos de alfabetização e letramento e possibilita “*o exame crítico dos conceitos de letramento veiculados no Brasil e como eles têm afetado as concepções de alfabetização de modo a servir de base para o retorno de idéias que já demonstraram sua ineficiência na prática educativa*” (GONTIJO, 2008, p. 15).

Evidencia a importância de se considerar o sujeito que aprende e critica os “antigos métodos” baseados em uma “visão comportamentalista” (GONTIJO, 2008, p. 13) e, embora reconheça que os estudos de Ferreiro e Teberosky (1989) tenham significado avanço em relação aos métodos de alfabetização, considera que nessa concepção há uma ênfase exagerada na atividade da criança, minimizando a importância da mediação pedagógica.

Buscando um conceito de alfabetização que abranja as diversas dimensões desse processo, Gontijo traz autores que tratam do assunto e refuta a proposição de Soares (2003) quando esta afirma não lhe parecer apropriada a tentativa de atribuir significado abrangente ao termo, pois para Gontijo,

[...] a alfabetização não envolve apenas os processos de compreensão das relações entre fonemas e grafemas e de passagem/recriação do discurso oral para/em discurso escrito e vice-versa, mas é também um processo de produção de sentidos por meio do trabalho de leitura e de escritura (GONTIJO, 2008, p. 20).

Daí, a necessidade de um conceito de alfabetização que dê conta de todas as suas dimensões. A autora discute sobre o processo de letramento e suas as origens e afirma que começou a ser mais usado, no Brasil, na década de 1990 com os trabalhos de Kato (1987), Tfouni (1988), Kleiman (1995) e que tais autoras distinguem alfabetização de letramento, atribuindo a este um sentido amplo. Para ela, ao fazerem isso, “[...] conferem à alfabetização conceito específico: processo que possibilita a aprendizagem do código escrito; elas afirmam, desse modo, a sua natureza lingüística, especificamente, os aspectos fonético e fonológico” (GONTIJO, 2008, p. 31).

Explicita que essa distinção não tem sentido, uma vez que “tudo que acontece com o indivíduo é social [...]” (GONTIJO, 2008, p. 33) e, no subcapítulo intitulado “Conceito de alfabetização”, retoma a crítica à proposta de Soares de reinvenção da alfabetização e define o seu conceito de alfabetização ao afirmar que ela deve ser vista como “[...] prática sociocultural em que se desenvolvem as capacidades de produção de textos orais e escritos, de leitura e de compreensão das relações entre sons e letras” (GONTIJO, 2008, p. 34).

No capítulo 2, O desenvolvimento da escrita na perspectiva histórico-cultural, a autora utiliza os estudos de Vigotski (1996; 1997; 2000) e de Luria (1987; 1988; 1996) para discutir como esses autores compreendem o desenvolvimento da linguagem escrita na criança.

Segundo ela, para Vigotski, o desenvolvimento da linguagem escrita “[...] é, na realidade, o resultado de um longo desenvolvimento das funções superiores do comportamento infantil” (VIGOTSKI apud GONTIJO, 2008, p. 39). O autor considera que o estudo do desenvolvimento da linguagem escrita apresenta dificuldades porque não é linear e, sim, revolucionário, com interrupções, metamorfoses e involuções...

No subcapítulo, O estudo experimental de Luria sobre o desenvolvimento da escritura, a autora explica que esse autor estudou, experimentalmente, o momento em que a criança descobre o simbolismo da escritura e descreveu o desenvolvimento da escrita a partir das análises das escritas produzidas e do modo como as crianças se relacionavam com elas, identificando um percurso que vai do rabisco indiferenciado ao signo diferenciado.

De acordo com Gontijo (2008), Vigotski afirma que o próximo passo é marcado pela aprendizagem de que as letras representam os sons que compõem as palavras, ou seja, a compreensão de que a escrita é um simbolismo de segunda ordem. Para a autora, o processo de aquisição da escrita pode ser investigado sob diferentes pontos de vista: o primeiro, ao que está

subjacente **uma concepção de língua como um sistema de normas pronto e acabado**. O segundo, permeado pela ideia de que o processo de *aquisição* da escrita tem uma história na criança, e o terceiro, que abrange o segundo e preocupa-se em determinar a dimensão discursiva da escrita.

Gontijo afirma que os trabalhos de Ferreiro e Teberoski, orientados pela abordagem piagetiana de desenvolvimento, focalizam apenas os aspectos linguísticos (relação fala e letras) e cognitivos (construções lógicas que organizam os conhecimentos linguísticos), sem dar relevância à dimensão discursiva da escrita. Ao falar da metodologia utilizada em seu trabalho, a autora explicita que adotou o método instrumental ou histórico-genético elaborado por Vigotski e colaboradores, assim denominado por compreender a análise do desenvolvimento infantil do ponto de vista histórico (de seu surgimento, às transformações, mudanças, etc).

Gontijo utiliza esse método, criando situações em que as crianças eram estimuladas a escrever textos, em diferentes momentos do ano, além das capacidades de escrita já aprendidas por elas, propiciando, dessa maneira, a utilização/criação de mecanismos auxiliares para a realização da tarefa, pois considerava que assim seria possível observar as relações entre os diversos aspectos que integram o processo de apropriação da linguagem escrita.

No último capítulo do livro, Os modos de apropriação da escrita pelas crianças, a autora apresenta os resultados, organizando dados obtidos em quatro categorias: escrita indiferenciada, emprego de formas icônicas na escrita, no trabalho de escrita dos textos... lembrar os nomes e as formas das letras e a capacidade de reflexão sobre as unidades da linguagem oral. Quanto à primeira categoria, as atividades com as crianças levaram a concluir quem mesmo a escrita sendo indiferenciada, é simbólica, pois o ato de escrever não se realizou sem vínculo com o conteúdo a ser anotado.

Já o uso de formas icônicas com função de escrita ocorreram situações em que as crianças foram incentivadas a escrever com o objetivo de lembrar os significados anotados. Essa observação permitiu inferir: 1º) que as crianças escrevem letras conhecidas para os fonemas; 2º) evidencia que as aprendizagens influenciam os modos como as crianças escrevem; 3º) a dificuldade de estabelecer estágios evolutivos lineares para o desenvolvimento da escrita na criança.

No trabalho de escrita dos textos... lembrar os nomes e as formas das letras, as situações analisadas evidenciaram que as crianças aprendem que usamos letras para escrever, no entanto, no início dessa aprendizagem, não se apropriaram das formas e dos nomes das letras que precisam utilizar ao escrever um dado texto, assim, ela mobiliza conhecimentos e experiências gerando, “[...] uma intensa atividade discursiva” (GONTIJO, 2008, p. 133).

Na categoria A capacidade de reflexão sobre as unidades da linguagem oral, os sujeitos da pesquisa foram incentivados a escrever sentenças de textos produzidos oralmente. O registro das sentenças possibilitou uma maior aproximação com as situações de escrita vivenciadas no cotidiano e, também, com a leitura. Para a autora, “[...] a capacidade de refletir sobre as unidades fonêmicas não se desenvolveu naturalmente, mas à medida que as crianças foram incentivadas a escrever e que passaram a conhecer letras que representavam convencionalmente determinados fonemas” (GONTIJO, 2008, p. 193).

A autora enfoca que as unidades fonológicas consideradas pelas crianças não são apenas as sílabas e os fonemas, pois nas leituras iniciais, “[...] as palavras e conjunto de sílabas corresponderam a uma letra” (GONTIJO, 2008, p. 194) e afirma que é importante “[...] refletir um pouco mais sobre as tentativas que as crianças elaboraram de compreensão da leitura e da escrita”, e com base nesses dados, “[...] as relações efetuadas não são exclusivamente termo a termo (entre letras e sílabas)”.

Em suas considerações finais, a autora nos diz que é possível ter sucesso na tarefa de alfabetizar se acreditarmos na capacidade que “[...] todas as pessoas têm de aprender [...]” (GONTIJO, 2008, p. 197) e que as crianças não aprendem sozinhas, sendo necessária mediação qualificada dos professores. Assim, esta obra situa-se no centro das discussões mais atuais sobre a educação e conclama, não só os profissionais da educação, mas a sociedade em geral, a responsabilizar-se pelas ações educativas, sobretudo as que envolvem a alfabetização.

Além de contribuir para a compreensão dos processos que envolvem a apropriação da linguagem escrita, ao questionar as afirmações de Ferreiro, problematiza sobre os conceitos de alfabetização e letramento e como a opção teórica que subsidia cada um deles vai determinar os modos de alfabetizar e os resultados alcançados, indicando, ainda, o projeto de sociedade que se pretende alcançar.